

REVISTA MEMENTO**V.5, n.1, jan.-jun. 2014****Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR****ISSN 2317-6911**

A ATIVIDADE TRADUTÓRIA NA PRODUÇÃO DA ESCRITA CRIATIVA**Thaís Lopes REIS ¹**

Resumo: Este trabalho consiste em uma reflexão sobre como o processo de tradução pode estimular a prática da produção literária. Com base principalmente nas discussões de Massa (2008), em seu livro *Machado de Assis Tradutor*, o grande motivador deste trabalho, a reflexão que segue enfatiza o exemplo não só de *Machado de Assis Tradutor*, mas nos leva a outros grandes escritores, como Drummond, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz e Mário Quintana, que foram grandes tradutores antes de serem conhecidos como escritores. Na esteira dos tradutores brasileiros, citamos exemplos de escritores estrangeiros, que à semelhança daqueles, também passaram pela experiência da tradução. A partir desses pressupostos, defendemos a hipótese de que o processo da tradução pode estimular a prática de escrita literária, considerando-se os exemplos factuais vividos pelos autores em discussão. O principal objetivo de nossa proposta foi sugerir que o aluno de Ensino Médio seja incentivado a traduzir nas aulas de produção textual, materiais previamente selecionados pelo docente, tendo despertado assim o gosto pela escrita, visto considerarmos a tradução de textos literários como atividade criativa que, se tem auxiliado grandes tradutores no processo de descoberta de seu estilo de escrita, como foi o caso de Machado de Assis, pode servir como uma estratégia para promover a produção textual em níveis de Ensino Médio.

Palavras-Chave: Tradução literária; Produção textual; Ensino Médio; Machado de Assis.

Introdução

Após traduzir alguns textos literários, podemos perceber a influência que a tradução dessas obras exerce no tradutor. Carregamos traços de cada autor que traduzimos. Esses traços se manifestam enquanto produzimos textos próprios. O estilo, o vocabulário, a ironia, a estruturação das frases, de cada autor traduzido permeiam nosso texto e ajudam a definir nossa escrita.

¹ Mestrado em Letras – Linguagem, cultura e discurso. Universidade Vale do Rio Verde, Unincor, Três Corações, MG, Brasil. thaislreis@gmail.com

É possível ver que diversos escritores essenciais à literatura nacional, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Monteiro Lobato, Rachel de Queiroz, Mário Quintana, e Machado de Assis viveram a experiência da tradução. Machado traduziu desde Camões a Dickens, assim como várias obras durante o século XIX. Como a sociedade da época tinha como referenciais a literatura europeia, ocupou-se muito do ofício da tradução. Tal ocupação teve início quando Machado ainda era muito jovem, 18 anos, e perdurou até a idade de 55 anos. De acordo com a obra “Bibliografia”, de Galante de Souza (1955), contam-se 45 traduções do autor.

As dificuldades enfrentadas por um tradutor são várias. Traduzir é tudo, menos simples (SILVEIRA, 2004). Frente a essas sequências fatuais, a intenção deste trabalho será, portanto, analisar como o processo da tradução pode estimular a prática da produção literária.

Partindo do pressuposto de que alguns dos grandes escritores foram antes tradutores, acreditamos que a atividade de tradução pode promover e motivar a escrita literária. Portanto, objetivamos, com este texto, refletir sobre esse trânsito da escrita (da tradução à escrita), não só a partir do exemplo de Machado de Assis, como de outros autores que foram também tradutores de renome, antes de serem conhecidos como escritores. Tal reflexão leva a sugestão de que a prática da produção textual, nas escolas, possa ser inserida neste contexto, incentivando os alunos a traduzir materiais previamente selecionados pelo professor, para começar o processo de escrita própria.

Do processo tradutório à carreira de escritor

Como dissemos, alguns escritores foram grandes tradutores, antes de se tornarem escritores. Eles passaram pela experiência, que acreditamos ser necessária a todo escritor, de traduzir textos literários. O processo de tradução vivenciado por esses escritores foi um dos fatores principais que ajudou a despertar a alma de escritor e a definir seu estilo. É interessante que, para alguns desses autores, após começarem a produzir suas obras, a carreira de tradutor seguiu paralelamente à de escritor. São tantos os benefícios que a tradução traz no que concerne à criatividade, vocabulário e estilo, que quem traduz acaba absorvendo muito de

quem é traduzido, mas por outro lado, não se afasta da subjetividade e acaba percebendo que, ao traduzir, está também escrevendo.

Não queremos afirmar que seja necessário, ou que seja uma regra, que todo escritor deva ser, primeiro, um tradutor. Apenas propomos que a atividade tradutória pode ajudar o aluno a entrar pelo viés da escrita livre.

Antes de mencionar alguns dos tradutores de renome do Brasil, é importante falar sobre o processo tradutório. Sabemos que cada escolha de palavras, omissão, pontuação e destaque são peças que refletem a personalidade do tradutor. Cada um, de modo peculiar e único, transforma o texto que traduz. O tradutor traduz a ideia e não as palavras literalmente; ou como afirma Cavalheiro (1995, p. 536):

A tradução tem de ser um transplante. O tradutor necessita compreender a fundo a obra e o autor, e reescrevê-la em português como quem ouve uma história e depois contá-la com palavras suas. Ora, isto exige que o tradutor seja também escritor — e escritor decente.

Nesse sentido, concordamos com ele, de que o tradutor pode se metamorfosear em escritor. A afirmativa acima levou-nos a pensar que essa transformação pode acontecer durante o processo tradutório realizado por um aluno durante as aulas de produção textual. Em seu livro *Tradutores Escritores* Massa (2008, p. 100) faz uma observação muito pertinente, ao citar um dizer de Machado de Assis: “Um tradutor não pode se furtar a ser um escritor, pois que ele mesmo é autor”.

Considerando o envolvimento proposto tanto por Cavalheiro quanto por Massa, buscaremos na prática, trazer exemplos de escritores brasileiros que viveram a arte de traduzir, como o primeiro e importante passo para a carreira de escritores.

Escritores tradutores

O primeiro caso que nos vem à mente é Mário Quintana, para quem o ano de 1934 foi um marco, pois foi nesse ano que sua primeira tradução (*Palavras e Sangue*, de Giovanni

Papini) foi publicada. Depois disso, comenta Perissé (2007, p. 75), não parou mais, pois passou a traduzir obras de diversos autores estrangeiros, como Fred Marsyat, Charles Morgan, Rosamond Lehman, LinYutang, Proust, Voltaire, Virginia Woolf, Papini, Maupassant, dentre outros, contribuindo com a popularização da literatura no Brasil. É possível ver, em seus poemas, traços das técnicas que utilizou em suas traduções, o que comprova a influência da tradução na sua produção literária.

Outro escritor igualmente exemplar, no sentido que vimos discutindo aqui, é Monteiro Lobato, muito importante para a literatura infantil brasileira. Segundo Cavaleiro (1955, p. 534), a tradução foi a primeira fonte de rendas do escritor. Traduzia histórias e fábulas infantis, mas sempre dava ao texto um jeitinho brasileiro. Em 1916, conforme Pallota (2008, p.3), em uma correspondência com Godofredo Rangel, Lobato comenta a vontade de “vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades”; e ainda a necessidade de escrever alguma “coisa para crianças”, pois para Lobato, a literatura infantil brasileira era tão pobre e besta que ele não queria dar isso aos próprios filhos, como iniciação literária.

Manuel Bandeira, por sua vez, se envolveu com um dos gêneros mais difíceis de traduzir: a poesia. Começou a traduzir por necessidade financeira e depois porque gostava. Segundo revela Nogueira (2011), “figura central do modernismo, Bandeira é conhecido de todos que tenham o mínimo de contato com a literatura. Porém, existe um Manuel Bandeira desconhecido da maioria das pessoas, que traduziu obras importantes de literatura mundial para a língua portuguesa”.

Carlos Drummond é outro que trabalha com o texto, incansavelmente, assumindo o papel de coautor da obra. Ao traduzir, trazia para o português brasileiro novas expressões, até então totalmente estranhas à sabedoria popular. Não queria que o holofote estivesse sobre seus procedimentos estilísticos, mas, sim, na simplicidade e fluidez do texto traduzido.

Rachel de Queiroz, escritora brasileira, também atuou como tradutora até a década de 1970, sendo que, nos anos 1960 e 1970, a sua prática tradutória esteve a serviço dos articuladores e sustentadores do golpe militar de 1964. Dias (2002), em sua monografia de

conclusão de curso, aborda as traduções da escritora e, conforme resume Dias, a tradutora sempre fazia com que os textos traduzidos parecessem obras originais aos olhos dos leitores. Interessante também, as temáticas das obras que traduziu faziam parte, anos à frente, de seu arcabouço literário.

O último tradutor-escritor a ser citado, não poderia ser outro, se não Machado de Assis, que traduziu desde a mocidade. Conforme é dito por Sousa (1958 p. 313), a tradução entrou na vida do autor quando chegou aos 18 anos de idade. Seu primeiro texto traduzido veio do francês e recebeu em português o seguinte título: “*A ópera das janelas*”. Talvez não seja preciso um estudo tão aprofundado assim para declarar que o Machado escritor é uma feliz consequência do Machado tradutor. Tamanha é a influência da arte da tradução em sua vida, que, no dizer de Massa (2008, p. 14): “Todos os textos que ele traduziu o colocam sob nova luz”. Obras bastantes conhecidas, como *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo, o poema “*O corvo*”, de Edgar Allan Poe, *Oliver Twist*, de Dickens, entre outras.

Várias são as traduções do autor que deixam os leitores confusos ao tentarem identificar se são adaptações ou traduções. Ele tem tanta afinidade com o texto original, que se dá ao luxo de quase recriar a obra no processo tradutório. Às vezes, deixa o texto mais sutil, outras vezes acentua alguns traços fortes, sempre deixando sua humanidade e subjetividade nas entrelinhas. Cada corte e cada emenda cooperam com a produção e a criatividade do tradutor.

À medida que se desenvolve sua carreira, as escolhas feitas por Machado denotam até que ponto o tradutor-escritor torna-se escritor-tradutor. Experimenta os mais variados estilos, como poesia, peças de teatro, ensaios, contos e romances. Todas as traduções são bem vistas pela crítica, que por vezes se confunde acerca da autoria das obras, uma vez que todas parecem ter sido recriadas e reinventadas por Machado. A maioria carrega traços ora suaves, ora marcantes, de sua personalidade.

Acreditamos que Machado viveu uma relação de sedução pela tradução. Em seu caso, não há como discutir a credibilidade e a variedade de suas traduções. Tornar-se escritor foi um processo natural para ele. Contribuía tanto com a obra original, que a obra traduzida podia

ser considerada uma reescrita, em vez de simplesmente uma tradução. Ele repensa a obra, com a ajuda de suas estratégias e armas, adquiridas a cada obra traduzida. Foi tão seduzido pelo ofício de tradutor, que Massa (2008, p. 28) faz esse comentário:

Se tratássemos das orientações estrangeiras na obra de Machado de Assis, a cena de Molière seria um caso exemplar que exigiria um longo desenvolvimento. De fato, em seguida seria necessário evocar as inúmeras citações que recheiam suas crônicas, bem como seus contos e romances.

Assim, notemos o papel da tradução e sua influência na produção literária do autor. Machado chegou a um patamar em que não é possível declará-lo tradutor-escritor ou escritor-tradutor. É essa sedução da tradução que pensamos ser possível envolver os alunos e ajudá-los a serem futuros escritores.

Mais um exemplo de como o tradutor deixa sua marca na obra, a ponto de recriá-la, é a análise das relações entre a obra de Dickens e a tradução de Machado, feita por Agripino Grieco (*apud*, MASSA, 2008, p. 68):

Quanto a Dickens, traduzido por Machado, tem muita coisa pré-machadiana: tipos que abusam de esgares e estribilhos, excesso de notas farsescas, maníacos em abundâncias, mão lhe faltando figuras cruéis e invejosas. Mas tem – o que o nosso ficcionista ignorou – calafrios de sensibilidade, saltos e sobressaltos de indignação em favor dos pobres humilhados pelos ricos, avidez de benefícios e reformas sociais. Trata com indulgência os seus heróis grotescos e há nele variedade de situações e fartura de vocabulário. Dickens aumenta em nós a soma de cristianismo. Não estão excluídos do seu sarcasmo elementos líricos e mesmo elegíacos. Em Machado o perdão é sem caridade cristã, é ainda uma forma de desprezo, ou pior, de indiferença.

Não podemos afirmar, com certeza, se os cortes feitos pelo tradutor se justificam por estilo pessoal ou se foi para agradar ao público. Profissional competente como era não correria o risco de traduzir apenas para satisfação pessoal. Seu nome e reputação nacional estavam em jogo. Tinha que traduzir pensando não só no que ficaria apazível aos próprios olhos, mas também no que seria lucrativo e vendável em território nacional. Fato é: o público leitor de Machado era a elite. Percebemos que Machado, ao redirecionar o público alvo da obra traduzida, praticamente cria outra história. O tradutor se cala para dar espaço ao escritor

que vivia dentro dele. Esse é o processo criativo pelo qual todo tradutor passa. De tanto pensar para adequar a obra ao gosto dos leitores, acaba criando um texto seu.

É perceptível a grande influência que os autores franceses tiveram nas obras de Machado, que tinha um profundo conhecimento da língua francesa. É interessante o que Massa (2008, p. 47) afirma sobre a tradução da obra *Oliver Twist*, feita por Machado:

Quando Machado de Assis apresenta a versão de um texto original de uma língua estrangeira, isso não implica necessariamente que ele conheça a dita língua estrangeira. O exemplo mais gritante, pois que ele se refere a todo um romance, é o do *Oliver Twist*: a versão segue passo a passo uma tradução francesa.

O francês é uma língua intermediadora para Machado. Os autores franceses que traduziu o influenciaram tanto que chegam a ser quase constantes as citações em língua francesa nas obras de sua autoria. Como tradutor, Machado percebeu que traduzir podia ser um ato subjetivo de criação.

A tradução e a sedução

Por ser um constante aprendizado de novos meios de expressão, a tradução é uma atividade na qual o tradutor se envolve inteiramente tanto com o texto quanto com o autor. O primeiro deve cumprir o papel de buscar, nas áreas mais profundas das palavras, o sentimento e as emoções que o autor sentiu ao escrever a obra. Fazer isso não significa ter que se anular e transmitir somente as emoções do autor. Como afirma Perissé (2007, p. 2), Mário Quintana, por exemplo, “mais do que simplesmente verter um texto para outro idioma, o autêntico escritor, ao traduzir, sente-se coautor da obra traduzida”.

O sonho de todo escritor é que o leitor consiga realmente ver e entender o que foi escrito. E esse leitor, é na maioria das vezes, o tradutor. É ele quem tem que decifrar até o que não foi escrito, escolher palavras que produzam o mesmo encantamento produzido pela obra original. Segundo Rossi (2011, p. 13) “o tradutor penetra o texto como quem conquista um território, espreme-o, explora-o esmiúça-o, a fim de possuí-lo.” A autora continua dizendo

que não há tradução, apenas versão. No entanto, depois das citações aqui apresentadas, podemos pensar que não é apenas uma versão, mas algo muito mais complexo: uma criação. Se analisarmos todos os procedimentos feitos na prática de tradução, podemos ver muitas semelhanças com o processo de criação de um texto. A escolha das palavras que melhor se adéquam à obra, a exploração das ideias, o domínio do texto falado, e por fim, a conquista do leitor.

Para que se alcance o objetivo final, que é a sedução do leitor, a relação entre o tradutor e o escritor deve ser a mais íntima possível. O primeiro deve ir descobrindo o segundo, para, então, desvendar o que levou o autor a escolher cada palavra selecionada.

É uma relação de sedução. Cabe ao tradutor o papel de seduzir o leitor. É importante dizer que seduzir está relacionado a persuadir. Nesse processo, o aspecto cultural e o contexto histórico do tradutor podem mudar todo o curso e fundo moral de uma obra. Vemos claramente isso acontecendo na tradução de uma obra bastante conhecida do escritor inglês George Orwell, *A Revolução dos Bichos*. O tenente Heitor Ferreira de Aquino foi quem traduziu a obra. Quando o governo brasileiro viu na obra original uma forte propaganda contra o comunismo, o resultado não foi outro, senão a tradução para o português.

É possível ver, sem muita dificuldade, desde a capa à última página, aspectos de sedução e manipulação dos leitores. Na apresentação do livro são utilizadas palavras fortes, capazes de fazer com que o leitor já comece uma leitura com uma visão pré-concebida de maneira negativa em relação ao comunismo. Segundo Christian Carvalho (2002, p. 83), “quando se fala em tradução, falamos de uma mudança de código linguístico, que não é um ato ingênuo, sem interesses, mas uma mudança que procura criar elementos para a preparação da mente do leitor para receber um texto estrangeiro à sua cultura”. O primeiro a ser seduzido pela obra é, portanto, o tradutor. O tradutor não só resgata a história e a cultura, de acordo com Carvalho (2002), como tem o trabalho de transportar de uma margem a outra, especificidades linguísticas de uma cultura a outra, ficando, nesse meio tempo, naquele entre lugar a que João Guimarães Rosa se refere em “*A Terceira Margem*”.

É nesse mesmo “entre” lugar que podemos dizer que o tradutor mantém sua autonomia enquanto traduz um escritor. Mostra sua maturidade e estilo para a escrita livre. Os escritores citados passaram por esse “entre” lugar e os alunos também podem vir a ter essa experiência.

A tradução como atividade recreativa

Nesse tópico, iremos abranger a tradução como recriação, um exemplo factual de que tradutores são escritores. Eles apenas não o sabem. Têm sido feitas diversas pesquisas nessa área, e cada vez mais se comprova que para a criação de textos sedutores, é preciso, antes, ter sido seduzido pela tradução. Em outras palavras, é preciso que o escritor tenha sido um tradutor.

Como comentam Delisle e Woodsworth (1998, p. 67) “a tradução como recriação é uma ideia que apareceu em meados do século XIV e persistiu com um fio comum ao longo da história”. As autoras citam Chaucer, considerado o maior poeta medieval da Inglaterra. De acordo com elas, a metáfora de Chaucer – atar velhos campos para cultivar uma nova colheita – transcende tempo e espaço. Por outro lado, como cita Lefevere (1992, p. 24), Dryden, poeta do século XVIII, tinha a concepção de que o tradutor era um escravo labutando em uma vinha que não lhe pertencia.

A tradução literária é sinônima de criação de novas formas. Ideias como traduzir, recriar, importar, adaptar, dentre outras, estão ligadas. É desse modo que a obra traduzida contribui para o desenvolvimento das literaturas nacionais. Como Cary (1962) declara, a tradução, com frequência, tem precedido a criação, podendo oferecer modelos e inspirar escritores. Pode abrir novas fronteiras e fortalecer ou até mesmo criar a literatura de um país, como a Argentina. Tradutores como Borges, Adolfo Casares, Silvina Ocampo, Victoria Ocampo, José Bianco, Manuel Láinez, Julio Cortázar, contribuíram para o cânone contemporâneo que deu forma à literatura argentina (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p.

67). Não foi diferente com a literatura africana, que teve seu pontapé inicial com a chegada dos missionários, que traduziram partes da Bíblia para a população de Camarões.²

Outro escritor que também recebeu a dádiva de ser tradutor antes de escritor é o armênio Talin Aran Arsenyan, nascido em 1952. Estudou, durante o período soviético na escola de Yerevan, onde os professores focavam muito o inglês. Mais tarde, passou a ter aulas de outras matérias, como geografia, história, química e literatura inglesa. Todas as aulas eram ministradas em inglês. Um dos fatores que o ajudou a ser, mais tarde, um escritor, foram as pequenas traduções que fazia nas salas de aula. Arsenyan traduzia pequenos textos literários, do inglês para o armênio.

Alguns anos depois, já na universidade, Arsenyan continuou seu trabalho tradutório, agora semanal, para o jornal universitário Solaris. Traduzia pequenas histórias para cada edição. De 2002 a 2009, trabalhou como tradutor freelancer e, em 2009 começou a trabalhar, ainda como tradutor, para o *Jornal Diário da República da Armênia*. Traduzia artigos para a página online do jornal, em inglês.

Em todos esses anos de trabalho, ele buscou seus interesses literários e também traduzia, mas não publicou seus trabalhos, nem traduziu o quanto queria. Tanto a tradução quanto a criação original são de igual valor para Arsenyan (2011): “Eu acho que cada tradutor é um escritor, e cada escritor é um tradutor”. Esse armênio é uma prova de que o aluno pode, desde cedo interessar-se pela tradução e, mais tarde, gostar de escrever suas ideias. A tradução de textos literários pode suscitar o interesse do aluno pela produção textual. A ideia deve ser plantada na mente do adolescente durante as aulas, para mais tarde, gerar seus frutos. Mesmo que não se torne escritor, saberá ser autônomo e criativo ao recriar a obra no processo de tradução.

² ARKUN, A. The Life of an English Translator and Writer in Armenia: Aram Arsenyan. Posted on February 25, 2011. EUA. Disponível em: <<http://www.mirrorspectator.com/2011/02/25/the-life-of-an-english-translator-and-writer-in-armenia-aram-arsenyan/>> Acesso em: 23 set. 2011.

A Universidade de Viena, mais precisamente o Centro de Estudos da Tradução, tem incluído, desde 2007, a prática da escrita criativa como parte da grade curricular do mestrado de Tradução. Segundo Beuren (2009, p. 3) seu objetivo nesse curso é incentivar os alunos a escrever, que é o que eles terão de fazer em sua vida profissional como tradutores. Ainda ressalta que é claro que existem diferenças entre a escrita criativa e a tradução. A principal diferença é que a primeira é uma tarefa que exige dos alunos uma produção sem um texto fonte à sua frente.

Vemos que houve um redirecionamento do foco nos cursos de tradução: a criatividade do tradutor é o centro agora. O texto traduzido passa a ser visto com um depósito das ideias e da subjetividade desse profissional. Esse ponto de vista alarga os conceitos de tradução.

Quando falamos em criatividade temos que citar um dos grandes autores de literatura infantil do Brasil: Monteiro Lobato. Ele experimentou, assim como os citados aqui, novas culturas, estilos e ideais diferentes e teve, acima de tudo, a oportunidade de modificar a literatura desse país. Ele teve a percepção de colocar em suas criações aspectos marcantes de obras que havia traduzido. Traduziu Dom Quixote, de Cervantes, e aproveitou esse personagem marcante em suas histórias, nas quais Emília, a boneca de pano, com toda a sua curiosidade, tentava ler a obra que traduzira tempos atrás.

A experiência do texto traduzido marca o tradutor, de alguma maneira. Na hora que passa a escrever, ele carrega consigo alguns dos seus autores. Isso ocorre de forma menos intensa, é claro, com o aluno. De modo imperceptível ele assimila aspectos do estilo do escritor e adapta-os a seu modo. Nem todos os alunos terão o gosto despertado pela escrita, pelo contrário, alguns poucos se enveredarão por essa área. Os que tiverem, porém, precisam do pontapé dado pelo professor nas aulas de produção textual. Podem descobrir o gosto pela literatura e sentir o desejo de criar suas narrativas que conseqüentemente acabarão por assimilar características dos autores a quem traduziram.

É válido citar exemplos contemporâneos de jovens tradutores como Francesco Luti, um italiano que começou sua carreira como tradutor e se rendeu à liberdade da profissão, tornando-se um escritor. Antes de começar a produzir suas obras, traduziu diversos poetas,

como Vinícius de Moraes, Drummond de Andrade, Carlos Bousoño, dentre outros. Todas as obras foram traduzidas para sua língua, o italiano. Seu interesse pela tradução surgiu graças à paixão pela literatura. Na sala de aula, se o aluno sente-se atraído pela literatura, pode ser este um caminho natural e espontâneo para o gosto pela tradução de textos literários e, posteriormente, a produção textual. Como todos os outros autores citados, Luti começou a traduzir muito jovem. A tradução, sempre bem feita, deu-lhe coragem para continuar seu trabalho, que logo seria publicado em revistas.

A literatura e a prática de tradução

Por meio dos fatos já citados, é possível, sem nenhuma dificuldade, constatar a proximidade entre a literatura e a prática de tradução. Tal proximidade chega a ser proporcional à possibilidade concreta de um tradutor tornar-se escritor. Nas palavras do jovem tradutor-escritor Luti, conforme Nicácio (2008, p. 1):

A prática de traduzir [...] é uma ginástica fundamental que ajuda na minha cansativa e desesperada procura de idioma e estilo. Vivemos numa época em que todos querem escrever e poucos desejam traduzir, desprezando este aprendizado, que é para mim essencial para se tornar um escritor.

Outro ponto visto nos casos citados no decorrer desse trabalho é a necessidade de que, antes de passar suas ideias para o papel, o aluno passe pela experiência de traduzir um autor de textos literários. Ele vai procurar desesperadamente, como relata Luti, encontrar seu estilo, as palavras certas em sua língua e perceber que pouco conhece a respeito da própria linguagem. Não é uma casualidade alguns dos nossos melhores autores terem vivido a arte da tradução, antes de compartilharem suas histórias com a humanidade.

Nas aulas de produção textual, os alunos encontrarão muitas dificuldades, ao se depararem com textos de autores estrangeiros. Há muitos neologismos, gírias, coloquialismos e regionalismos pertinentes a cada povo, cultura e livro. É quando se deparam com tais desafios que a criatividade deve assumir seu papel. Ninguém melhor do que um professor de

literatura para argumentar a favor desse pensamento: “São diversas sutilezas, por isso o tradutor, além de um domínio profundo do idioma, deve ter uma veia criativa. Por isso, muitos dos grandes tradutores também são autores: um caminho de duas vias.” (NETO, 2010, p. 1).

Num continente de inúmeras línguas, como o continente africano, onde a população só fala e entende o que é dito em seu dialeto, é intrigante a produção literária em línguas como o inglês e o francês, principalmente. Os autores, portanto, dependem muito da tradução para a produção literária. Após observar essa prática, S. Ade Ojo (1986, p. 295) não hesitou em afirmar que:

No geral, pode-se afirmar com segurança, que a cultura dualística do escritor africano [a cultura nativa, sobre a qual escreve e a europeia, na qual está imerso] o torna em primeiro lugar, um tradutor, antes de ser um artista criativo (tradução da escritora desse trabalho)³.

O escritor africano Ahmadou Kourouma traduziu seu livro *Les Soleils des Indépendances* e comenta quais as dificuldades encontradas e como fez o que é considerado por Cooper (1970, p. 714) como o melhor trabalho produzido na África até os dias de hoje:

Ocorreu-me que se eu tivesse escrito o livro em estilo clássico, o Fama não teria sido tão bem recebido [...]. Foi quando eu decidi tentar o estilo Malinke. Não é tradução do Malinke [...] Pensei em Malinke e depois tentei apresentar as coisas à maneira Malinke, a maneira como o texto viria à mente das pessoas. Não foi uma tradução do Malinke. Adapto minha linguagem ao estilo africano [...] Este livro aborda o estilo africano. [...] Simplesmente deixei meu temperamento invadir o idioma e distorcer o clássico de outra forma que permitisse meu pensamento fluir livremente. Portanto, quebrei o francês para encontrar e restaurar o ritmo africano.

Podemos aprender com a forma como o escritor africano trabalha, que a tradução tem a função de dar expressão linguística a um pensamento de uma língua para outra língua. Esse processo torna o texto mais natural e pode ser considerado um ato de criação. Quando os

³ “On the whole, one may safely say that the dual culture of the African writer [the native culture he is writing about and the European culture he has imbibed] makes him first and foremost a translator before being a creative artist.”

alunos se depararem com textos escritos em outra língua, terão que se imaginar como escritores para conseguirem passar para o leitor o sentido que o autor deu à sua obra.

Segundo Kourouma (2002, p. 2) o ritmo é outra questão com a qual o tradutor deve se preocupar. Notamos que todo texto tem sua sonoridade, ritmo e cadência. Metaforicamente, seria uma música. Cabe ao tradutor ajustá-lo ao ritmo mais ouvido pelo público alvo. Ao fazer a “versão”, a sonoridade e até mesmo outros acordes são perdidos. O importante, parafraseando Kourouma, é o tradutor quebrar o original e encontrar o ritmo da língua alvo.

Mudando um pouco de nacionalidade, Roberto Bolaño, autor chileno, deve ser mencionado, devido ao sucesso que seu último romance *2666* tem feito nos EUA. Não seria exagero dizer que esse sucesso se deve ao ótimo trabalho da tradutora Natasha Wimmer. O livro conquistou muito espaço entre o gosto americano, fato raro quando se trata de um autor de língua hispânica, lido num país que tem certo receio do estranho. A razão de tanto sucesso se deve à recriação feita pela tradutora.

A respeito dos holofotes sobre as traduções, Julio Ortega (NETO, 2009), professor da Universidade Brown (EUA), traz à memória Edgar Allan Poe, que “foi considerado um autor menor até ser traduzido por Charles Baudelaire, que, em francês, deu nova dimensão à sua obra”. Essa é a importância do tradutor: aproximar o leitor do autor e fazer com que o primeiro se apaixone pelo segundo. Na verdade, é o estilo do tradutor que seduz o leitor. Por isso insistimos que o tradutor tem “alma de escritor”. É justamente essa “alma” que deve ser buscada e lapidada nas aulas de produção textual.

Um benefício interessante da tradução, especialmente para o aluno, é o enriquecimento da língua. Durante o processo tradutório, o aluno terá que garimpar expressões, palavras mais requintadas ou expressões do cotidiano, que “soem” melhor aos leitores falantes da língua alvo. Neto complementa sua teoria afirmando que é nesse momento que, mesmo não sendo autor, o tradutor precisa necessariamente ser “artista da palavra” e, por extensão, escritor. (NETO, 2009). Ao usar os recursos da língua para encontrar saídas criativas para seu trabalho de tradução, o aluno passa também a exercer o papel de escritor.

O trabalho do escritor e do tradutor são tão próximos que se pode notar, claramente, a evolução estilística de autores que estão ou já estiveram envolvidos com a tradução. Prova disso é a afirmação de Guimarães Rosa, citada por Carone (2009, p. 1), para quem “a tradução é como uma enchente do Nilo, que fecunda suas duas margens.” A tradutora-escritora Lya Luft traduzia, desde criança, textos do alemão⁴. Enquanto traduzia, não deixava de colocar ideias próprias no meio do texto. Para ela, suas carreiras de tradutora e escritora estavam sempre em paralelo. Pode-se, mais uma vez, destacar a tradução como um artifício que auxilia no desenvolvimento do processo criativo, que é a escrita.

Tomando como base o exemplo de personalidades como os escritores supracitados, pensamos que o aluno merece ter a chance de avaliar seu potencial como escritor. Se receber estímulos durante as aulas de produção textual, o aluno tem a capacidade de lapidar-se, à medida que traduz e interage com textos de diferentes autores. De cada um, ele absorverá algo importante para exercer a tarefa de escritor para a qual está sendo despertado. Seu estilo, ironia, sarcasmo, assim também como o ritmo de escrita serão destacados e aperfeiçoados. Além de aumentar a criatividade, ter mais contato com literatura de qualidade e conhecer culturas diferentes, ele aumentará seu vocabulário e ampliará o potencial de sua comunicação.

Enquanto o professor aumenta o grau de dificuldade dos textos, o adolescente percebe o alargamento de seus horizontes e ganha coragem e liberdade para criar, cada vez mais, no momento em que traduz. Quando se dá por si, já é capaz de produzir ideias não originais, mas subjetivas ao ponto de ser perceptível apenas uma voz na obra: a do escritor que foi despertado.

Pode-se, pois, enfatizar que, se temos obras traduzidas tão bem recebidas pela crítica literária, é porque os tradutores responsáveis por tamanho reconhecimento têm “alma de escritores”. Para Costa (2009, p. 1), ao realizar uma tradução, o escritor com sensibilidade vai

⁴ BEUREN, D. **The Translator as Writer: 2009 Portsmouth Translation Conference**. Disponível em: <<http://www.port.ac.uk/departments/academic/slas/conferences/translationconference2009/>> Acesso em: 23 set. 2011.

renovando o estoque de formas, ganhando novos procedimentos literários, assimilados de forma consciente ou inconsciente.

A tradução como estratégia motivadora da produção textual

Escrever e produzir um texto literário não é tarefa que flui sem grandes esforços. Organizar as ideias e até mesmo, primeiramente, ter as ideias, é visto pelos menos experientes como um enorme desafio. Essa dificuldade é vista nas salas de aula, durante as oficinas de produção textual. Em escolas bem qualificadas, os alunos se deparam com tal matéria já no ensino fundamental, pois precisam estar preparados para a prova de redação do vestibular, que acontece depois de se formarem no Ensino Médio. Se tanto tempo é gasto na preparação dos alunos, é sinal de que escrever livremente e saber organizar ideias com estilo próprio não é visto pelos alunos como uma atividade simples.

Para se buscar esclarecer tal pressuposto, é preciso discuti-lo na prática da vida escolar. Acreditamos que se o aluno tiver contato com obras literárias em outra língua e se dedicar à tradução de pequenos trechos dessas obras propostas pelo professor, poderá haver a descoberta, por parte do aluno, de palavras novas, estilos, ritmos e culturas diferentes.

O que acontece nas aulas de produção textual, por outro lado, é um processo segundo o qual o professor lança a ideia inicial (uma frase, um pensamento ou um assunto) e o aluno deve desenvolvê-lo. Durante esse processo de aprendizagem, o estudante aprende sobre os gêneros textuais, quer sejam eles literários quer não literários. Ele deve produzir antes mesmo de descobrir qual é seu estilo, criatividade, personalidade e técnicas de escrita, além de não ter intimidade com sua própria língua escrita. Essa carência de informações faz com que todo o processo de criação se transforme numa incógnita. Tentando amenizar esse problema, partimos do pressuposto de que a tradução poderia ser uma estratégia interessante.

Propomos que o professor leve para as aulas de produção textual fragmentos mais simples, de início, de romances clássicos da literatura inglesa. Seria interessante que, gradualmente, o nível de dificuldade da tradução seja aumentado. Pensamos ser o gênero poético o último tipo textual para atividades de tradução. Esse momento é, segundo nosso

ponto de vista, a hora oportuna para o professor apresentar letras de músicas em inglês, para que o aluno faça uma versão. Uma vez que a poesia tem uma forte relação com a música, pensamos ser uma atividade pela qual o aluno tenha grande interesse.

Após essa série de treinamento incentivada e proposta em sala de aula pelo professor, é possível que o aluno esteja mais preparado para escrever e discorrer sobre algum tema. De modo imperceptível, ele pode ter assimilado estilos de escrita de alguns autores que traduziu durante as aulas e também pode ter ampliado, em níveis quantitativos e qualitativos, as palavras disponíveis em seu vocabulário.

Uma semelhança entre a escrita e a tradução é que os profissionais de ambas as áreas, escritor e tradutor, têm que pensar em seu público alvo. Essa tática é mais uma das possíveis aprendizagens do aluno que passa pela experiência da tradução antes da escrita.

Agradecimentos: À Prof.^a Doutora Cilene Margarete Pereira, pelo suporte, correções e incentivo.

Translation activity in the production of creative writing

Abstract: *This work is a reflection on how the translation process can encourage the practice of literary production. Based mostly upon the discussions of Massa (2008), in his book “Machado de Assis Tradutor”, the great motivator of this work, the reflections that follow not only emphasizes the example of Machado de Assis as a translator, but leads to other great Brazilian writers, such as Drummond, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz and Mario Quintana who were great translators before being known as writers. In line with the Brazilian translators, we bring examples of foreign writers, which like the Brazilian ones had also a strong experience of translation. So, from these presuppositions on, we searched to defend support the hypothesis that the translation process can encourage the practice of literary writing, considering the real examples experienced by the authors under discussion. Our proposal aimed to suggest that the high school student be encouraged to translate subjects previously selected by the teacher during the textual production classes, in order to spark writing interest among students, since we have considered the literary text translations as a creative activity that has helped great translators to find themselves writing style, as was the case of Machado de Assis, may also be used as a strategy to develop the writing production in high schools.*

Keywords: *Literary translation; Textual production; High School; Machado de Assis.*

Referências

- ARKUN, A. **The Life of an English Translator and Writer in Armenia: Aram Arsenyan**. Posted on February 25, 2011. EUA. Disponível em: <<http://www.mirrorspectator.com/2011/02/25/the-life-of-an-english-translator-and-writer-in-armenia-aram-arsenyan/>> Acesso em: 23 set. 2011.
- BEUREN, D. **The Translator as Writer: 2009 Portsmouth Translation Conference**. Disponível em: <<http://www.port.ac.uk/departments/academic/slas/conferences/translationconference2009/>> Acesso em: 23 set. 2011.
- CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- CRISTIANE, V. N. **Manuel Bandeira: o tradutor modernista**. Revista Literatura. Ed. 37. São Paulo: Editora Escala, 2011.
- DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. **Os Tradutores Na História**. São Paulo: Ática, 1998.
- DELILLE, K. H.; HORSTER, M. A.; CASTENDO, M. E.; DELILLE, M. M. G.; CORREIA, R. **Problema da Tradução Literária**. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.
- MASSA, J. M. **Machado de Assis tradutor**. Belo Horizonte: Editora Crisálida, 2008.
- NETO, R. B. **Alma de escritor**. Revista Cultura. Ed. 25. Agosto, 2009.
- NICÁCIO, R. **A tradução que transcende a obra**. Out. 2008. Disponível em: <<http://www.portalliteral.com.br/artigos/a-traducao-que-transcende-a-obra>> Acesso em: 26 set. 2011.
- OJO, S. Ade. **"The Role of the Translator of African Literature in Inter-Cultural Consciousness and Relationships"**. Meta vol. 31 no. 3, p.295. Editora Suceava, România, 2007.
- PALLOTTA, M. G. P. **Reflexões sobre a prática da tradução para Monteiro Lobato: análise da obra Fábulas**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/.../MIRIAM_PALLOTTA.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.
- PERISSÉ, G. **Mário Quintana Tradutor**. Universidade do Porto, Notandum ed. 14, 2006. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand14/perisse.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2011.
- SILVEIRA, B. **A arte de traduzir**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- SIMONETTI, J. **Editor fala de como uma tradução pode piorar ou até melhorar um texto**. Jan. 2010. Disponível em: <<http://www.plannertraducoes.com.br/index.php/editor-fala-de-como-uma-traducao-pode-piorar-ou-ate-melhorar-um-texto/>> Acesso em: 20 out. 2011.
- ROSA, J. G. **A Terceira Margem do rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- ROSSI, C. P. **Cultura da tradução – Tradução da cultura**. 2011. Disponível em: <<http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/kul/pt6074291.htm>> Acesso em: 26 set. 2011.